A RELAÇÃO COM O SABER:

OS PROFESSORES E OS CONTEÚDOS COMPLEXOS

Natália Camacho Gomes (UEL)

[nataliacamachogomes@gmail.com](mailto:nataliacamachogomes@gmail.com)

**RESUMO**

Esta pesquisa apresenta como objetivo compreender quais são os conteúdos que professores consideram como os mais difíceis para trabalhar com os educandos. Para sua realização, recorremos teoricamente a autores como: Maurice Tardif (2012), Paulo Freire (1982, 1983, 1996 e 1997) e Maurice Bernard Charlot (2000 e 2005). Estudamos sobre a formação e atuação dos professores e sobre a relação do indivíduo com o saber. Por meio da aplicação de um questionário em uma escola municipal da cidade de Londrina, buscou-se a compreensão sobre quais são os temas que os educadores consideram os mais complexos para serem trabalhados em sala de aula. A análise dos dados permitiu concluir que as relações homoafetivas, o trato sobre diferentes tipos de família e a diversidade religiosa são os temas apontados pelos professores como os mais difíceis de serem trabalhados na escola.

**Palavras-chave:** Saberes de Professores. Saberes Escolares. Anos Iniciais.

**INTRODUÇÃO**

Buscando compreender a maneira como os professores atuam cotidianamente em sala de aula e como tratam assuntos nada convencionais, selecionamos temas que causam discussão e divergência de opiniões, como a sexualidade, diferentes tipos de famílias e religiões, a questão do negro e do indígena atualmente, dentre outros. Dessa forma, a questão central dessa pesquisa foi: “como os professores reagem e resolvem a situação quando as temáticas a serem trabalhadas fogem do currículo tradicional?”.

Para sustentar teoricamente a pesquisa em questão, foram selecionados três autores: Maurice Tardif, Paulo Freire e Bernard Charlot. Buscando refletir sobre a formação dos educadores, utilizou-se a obra “Saberes Docentes e Formação Profissional” (2012), de Maurice Tardif, como base para as discussões e também dialogamos com os escritos de Paulo Freire, selecionando os livros “Pedagogia do Oprimido” (1983), “Pedagogia da Autonomia” (1996) e “Professoras sim, tia não – cartas de quem ousa ensinar”(1997). Maurice Bernard Charlot sustentou a reflexão sobre a relação dos indivíduos com o saber, com enfoque nos professores.Duas obras do referido autor foram estudadas: “Da relação com o saber: elementos para uma teoria” (2000) e “Relação com o saber. Formação dos Professores e Globalização”(2005).

Em um primeiro momento da pesquisa, buscou-se refletir sobre questões como a formação e a atuação dos educadores a partir de autores como Paulo Freire e Maurice Tardif. Em seguida, o autor Bernard Charlot sustenta teoricamente a discussão referente à relação do indivíduo com o saber, com ênfase nos professores. Posteriormente, fez-se necessário a composição de questionário para entender quais são os conteúdos com os quais os educadores apresentam mais dificuldade em trabalhar. Para tanto, direcionou-se por tratar de temas mais relacionados a uma disciplina: a História.

Percebe-se que há a preocupação em compreender os modos de pensar dos educadores referentes a temas cotidianos, mas que provocam a instigação dos indivíduos na sociedade atual. Sabemos que a questão cultural está constantemente ligada ao pensar e agir da sociedade. Mas, o respeito a opiniões divergentes é fundamental, para que possamos viver em uma sociedade que haja menos conflitos. É preciso que os professores propiciem o diálogo em sala de aula, e que a criticidade seja elemento prioritário nas escolas de hoje em dia.

**METODOLOGIA**

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica consistiu na metodologia utilizada. Para sustentar teoricamente a pesquisa em questão, foram selecionados três autores: Maurice Tardif, Paulo Freire e Bernard Charlot. Buscando refletir sobre a formação dos educadores, utilizou-se a obra “Saberes Docentes e Formação Profissional” (2012), de Maurice Tardif, como base para as discussões e também dialogamos com os escritos de Paulo Freire, selecionando os livros “Pedagogia do Oprimido” (1983), “Pedagogia da Autonomia” (1996) e “Professoras sim, tia não – cartas de quem ousa ensinar”(1997). Maurice Bernard Charlot sustentou a reflexão sobre a relação dos indivíduos com o saber, com enfoque nos professores.Duas obras do referido autor foram estudadas: “Da relação com o saber: elementos para uma teoria” (2000) e “Relação com o saber. Formação dos Professores e Globalização”(2005).

Em um primeiro momento da pesquisa, buscou-se refletir sobre questões como a formação e a atuação dos educadores a partir dos referenciais teóricos citados. Posteriormente, fez-se necessário a composição de questionário para entender quais são os conteúdos com os quais os educadores apresentam mais dificuldade em trabalhar. Anteriormente à execução do método com professores da rede municipal de Londrina, a aplicação do “questionário piloto” foi de fundamental importância para que fosse observada a eficácia do questionário produzido. Nessa ocasião, duas professoras responderam ao questionário: uma atua há mais de quinze anos na rede municipal de ensino de Londrina e a outra há menos de um ano, na rede municipal de ensino da cidade de Cambé. Tais educadoras participam do grupo de pesquisa História e Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina, do qual também faço parte. As professoras fizeram contribuições para enriquecer a pesquisa e tornar o questionário ainda mais eficaz para o meu objetivo.

Preocupou-se, inicialmente, em caracterizar os educadores, buscando informações como sexo, idade, tempo de atuação, entre outras características. Em um segundo momento, o foco consistiu nas disciplinas trabalhadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em que foi solicitado que os professores indicassem as suas preferências. Especificando-se a pesquisa, a disciplina de História consistiu na questão central: quais são os conteúdos mais fáceis e mais difíceis de serem abordados em sala de aula. Finalmente, foi solicitado que os educadores indicassem os temas que mais têm dificuldade em trabalhar e ainda, quais, se pudessem, retirariam do currículo escolar.

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO A PARTIR DE MAURICE TARDIF**

A partir dos estudos referentes à Tardif (2012), percebe-se que o saber oriundo dos professores está atrelado com todos os elementos constitutivos da prática educativa e ao estudo do trabalho realizado por eles próprios. Em suas teses, Tardif considera a experiência de vida e a história do educador no que diz respeito ao saber docente.

O saber do professor não é apenas a atividade cognitiva dos indivíduos, mas está estritamente relacionada ao trabalho realizado no cotidiano docente. Sendo assim, o saber pode ser modelado no e pelo processo de trabalho. É necessário considerar a ideia de pluralismo do saber docente, por envolver diversas formas de “saber-fazer”, de exercer o trabalho escolar, que são resultado de fontes diversas. Considera-se também como diversificado, pois não é resultado somente da formação profissional e de saberes disciplinares, mas também oriundo dos saberes curriculares e experienciais. Além de plural, o saber docente também é temporal, então, relaciona-se com a época e a sociedade na qual está inserido, além de experiências e história de vida e carreiras singulares. Nesse sentido,

[...] ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente. Os inúmeros trabalhos dedicados à aprendizagem do ofício de professor colocam em evidência a importância das experiências familiares e escolares anteriormente à formação inicial na aquisição do saber-ensinar. (TARDIF,2012, p. 20).

Cabe destacar que os saberes do professor não estão relacionados, prioritariamente, com os aspectos cognitivos, mas também com o trabalho realizado pelo professor em sala de aula, suas vivências na escola. Dessa forma, “são as relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas (TARDIF, 2012, p.17). Então, o saber do educador pode ser modelado no e pelo trabalho docente. É importante compreender também, que o saber dos professores é plural, heterogêneo, oriundo de diversas fontes, como os saberes docentes, disciplinares, curriculares e experiências vivenciadas.

Torna-se necessário, nesse viés, repensar como os saberes profissionais são constituídos nos cursos de formação de professores, considerando a realidade específica do trabalho docente. É fundamental compreender que o papel dos educadores não se resume à mera transmissão dos conhecimentos já constituídos. Os saberes profissionais são aqueles oriundos das instituições de formação docente, como escolas normais e faculdades de ciência da educação, sendo que o educador e o educando constituem-se como objetos do saber para as ciências humanas.

Segundo Tardif (2012), além dos saberes profissionais, os saberes disciplinares também devem ser considerados, já que são saberes selecionados pela instituição universitária, constituindo-se, então, nas diversas disciplinas que são oferecidas pelo curso de formação de professores. Os saberes curriculares, que são adquiridos ao longo da carreira do professor também devem ser valorizados. Dessa maneira, os saberes curriculares correspondem aos programas escolares que o educador deve adotar em sala de aula, incluindo os métodos utilizados, conteúdos e objetivos.

Finalmente, os saberes oriundos do trabalho cotidiano da profissão e no conhecimento de seu meio referem-se aos saberes experienciais, que não provêm dos cursos de formação de professores, nem dos currículos. São saberes práticos, que formam representações, interpretações, na qual os educadores orientam a sua prática cotidiana. Dessa forma, “o ensino se desenvolve num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para a atuação do professor” (TARDIF, 2012, p. 49).

Tardif (2012) elenca diversos elementos que caracterizam o saber experiencial. Primeiramente, está ligado às funções do educador, sendo que é a partir dessa relação que o saber experiencial é adquirido e evidenciam a importância que os professores atribuem à experiência. Trata-se ainda um saber prático, o qual depende da adequação às diversas situações cotidianas, problemas, funções diversas, específicas ao trabalho. É interativo, na medida em que é modelado a partir das interações do professor com todos os indivíduos que fazem parte do processo educativo. O saber experiencial consiste também em um saber plural, no qual o professor possui um amplo repertório de conhecimentos, que poderá ser utilizado em diversas situações concretas na prática educativa.

Além disso, o saber experiencial é heterogêneo, já que há diferentes conhecimentos e formas de “saber-fazer”, o qual provém de distintas fontes, em diferentes tempos-espaços e momentos da vida do indivíduo. Caracteriza-se por ser um saber complexo, que impregna o comportamento dos indivíduos, suas regras e sua consciência, um saber aberto, já que é flexível para a aquisição de novas experiências e conhecimentos acerca da prática educativa. E ainda um saber existencial, relacionando-se à história de vida do educador; temporal, implicando sua construção durante a carreira e a história de vida profissional. Finalmente, o saber experiencial é social, já que é construído pelo professor a partir de distintas fontes sociais de conhecimento.

Faz-se necessário destacar que os saberes dos professores não são inatos, mas, pelo contrário, resultados da socialização. É, então, “através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas, etc.) nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social” (TARDIF, 2012, p.71). Percebe-se que os saberes dos professores não são oriundos somente da formação universitária, curricular ou adquiridos somente na prática em sala de aula. Mas, além disso, decorre grande parte das concepções herdadas durante o período escolar, na fase em que permaneceram como alunos.

Os saberes que servem de base para o “saber-fazer” são, ao mesmo tempo, pragmáticos, existenciais e sociais. São pragmáticos, pois estão relacionados não somente ao trabalho, mas também ao trabalhador. Nesse sentido, são práticos, necessitando que as funções dos professores sejam adequadas às diversas situações que podem ocorrer cotidianamente no trabalho. Os fundamentos do saber são existenciais na medida em que o professor não utiliza somente de aspectos cognitivos para basear sua prática, mas também suas experiências de vida influenciam a ação cotidiana.Dessa forma, o docente não reflete somente a partir do âmbito intelectual, mas também se orienta pelo afetivo, emocional, pessoal e interpessoal. É existencial, então, considerando o professor como um indivíduo completo, que possui emoções, linguagem, relacionamento com os outros e consigo mesmo.

Finalmente, são sociais, porque, assim como os saberes profissionais, são também plurais, ou seja, são oriundos de distintas fontes sociais, como família, escola, universidade, entre outros. Além disso, são adquiridos em diferentes tempos sociais, como na infância, na escolha da carreira, durante o curso de graduação etc. Nota-se, então, que os saberes docentes são temporais, não somente na medida em que são adquiridos com o tempo, mas por serem flexíveis, permitindo que novas experiências sejam vivenciadas, remodelando o seu próprio saber-fazer, em função das distintas mudanças de situações de trabalho, às quais o professor está sujeito.

Nesse sentido, é possível concluir que os saberes dos professores são oriundos de diversas fontes, sendo, portanto, plurais e heterogêneos. As instituições de formação de professores, os currículos e as experiências vivenciadas pelos professores ao longo da sua vida vão definindo os saberes profissionais dos educadores. É importante lembrar que o educador deve ser considerado como um ator individual no processo de ensino e aprendizagem, mas que seus saberes também provêm de saberes sociais, como grupos de professores, universidades, entre outros.

**ATUAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO A PARTIR DE PAULO FREIRE**

De acordo com Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (1996), a ação dos professores deve estar baseada em um uma convivência amorosa[[1]](#footnote-1) com seus alunos, criando estratégias para que possuam uma postura curiosa referente ao conhecimento a sua volta, e se reconheçam como sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer. A prática do professor em sala de aula centra-se em um exercício constante que busque a autonomia do educando, fundada na ética e no respeito à dignidade.

De acordo com Freire (1996), o trabalho cotidiano entre professores e alunos, baseado no exercício da ética, é a melhor forma de lutar e viver nesse momento atual. Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade de considerar e respeitar os conhecimentos prévios dos alunos, que são sujeitos sócio-histórico-culturais. Paulo Freire (1996) defende a busca do educador pela ética universal do ser humano, que é de natureza humana e fundamental à convivência humana. É necessário compreender que a função dos educadores no espaço escolar supera a transferência de saberes, mas que se faz necessário propiciar que os educandos desenvolvam uma consciência crítica acerca do cotidiano vivenciado.

Paulo Freire (1996), em seus escritos referentes à obra “Pedagogia da Autonomia”, evidencia a necessidade de uma prática docente baseada na curiosidade, criticidade e insubmissão do aluno, considerando o papel ativo do educando no processo de ensino e aprendizagem. É preciso que o professor seja constantemente inquieto, criativo, curioso, humilde, persistente no processo educativo, buscando constantemente um aprender crítico e a transformação do discente em real sujeito da construção e reconstrução do saber ensinado.

Professor e aluno são, então, igualmente valorizados no processo de ensino e aprendizagem. O docente não somente ensina conhecimentos, mas também o ensina a pensar certo, sendo que, para que isto ocorra, é fundamental que o indivíduo não esteja o tempo todo plenamente certo de suas convicções, mas que busque questioná-las. A memorização é uma forma de se pensar mecanicamente, uma vez que o educando não analisa os conteúdos de maneira crítica, instigando sua curiosidade. Quando o leitor realiza seus estudos de forma mecânica, memorizando o conteúdo, não percebe as suas relações com acontecimentos do mundo, constituindo-se uma forma de pensar errado.

É necessário destacar que, para Paulo Freire (1997), o educador deve possuir a competência de ensinar determinado conteúdo ao aluno, ensinando aquilo que sabe sobre o conhecimento em questão. A responsabilidade ética, política, profissional do professor resulta, consequentemente, em sua preparação e capacitação permanente para ensinar, que se inicia anteriormente até mesmo de sua atividade docente. O ato de ensinar requer seriedade de quem o faz, além de preparo científico, físico e afetivo. Dessa forma, “o ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado” (FREIRE, 1997, p. 19).

Percebe-se então que, fundamentando-se na ideia de compreender o inacabado, o professor exerce sua autonomia ao considerar a dignidade do aluno, seja criança, jovem ou adulto, sendo essa uma atitude ética frente ao processo educativo. Nesse sentido, faz-se imprescindível que haja um diálogo verdadeiro entre educador e educandos, em que ambos dialoguem e possuam suas vozes ouvidas e respeitadas.

**A RELAÇÃO COM O SABER: UM ESTUDO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE BERNARD CHARLOT**

De acordo com Charlot (2000), existem formas distintas de assegurar ao ser humano o domínio sobre o mundo em que atua, e a aquisição de saberes é, sem dúvidas, a mais importante delas. Ao adquirir saber, o indivíduo também adquire controle sobre alguns aspectos da sociedade em que vive e pode estabelecer variadas relações com outros seres, comunicando e partilhando as diversas experiências. Dessa forma, “a definição do homem enquanto sujeito do saber se confronta à pluralidade das relações que ele mantém com o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 60). Para o autor, não existe saber na ausência da relação do saber. Para explicar tal relação, o autor recorre à relação do sujeito com a Razão, presente na filosofia clássica. Dessa forma, percebe-se que “por ‘sujeito de saber’ entendo aqui o sujeito que se dedica (ou pretende dedicar-se) à busca do saber” (CHARLOT, 2000, p. 75).

Nesse sentido, é possível perceber que não há saber sem uma relação do sujeito na busca por compreender quaisquer aspectos da sociedade em que vive, sem a interação com outros indivíduos, e tampouco, “não há saber senão para um sujeito, não há saber senão organizado de acordo com relações internas, não há saber senão produzido em uma ‘confrontação interpessoal” (CHARLOT, 2000, p. 61).

Portanto, para o autor, faz-se importante destacar que o saber é construído coletivamente no decorrer do tempo e a partir das atividades humanas que o transmite por gerações, perpassando por todos os indivíduos e sendo, então, apropriado por alguns sujeitos que desejam possuir aquele saber. Adquirir o saber que foi acumulado no decorrer da história é possível apenas a partir da relação do indivíduo com o mundo. Ou seja, o saber só existe a partir de sua relação com o sujeito.

Apesar de ser um conjunto de significados, a relação com o saber implica também que o ser humano permaneça em constante atividade, para que se aproprie do conhecimento. Nesse processo, há ainda o “tempo” para que os homens estabeleçam relações uns com os outros, consigo mesmos, e ainda com o saber. Porém, é importante destacar que o tempo, nessa perspectiva, refere-se à história da espécie humana, em que a cada geração são transmitidos os conhecimentos, saberes acumulados ao longo dos anos por toda a humanidade.

Charlot (2005) aponta que no processo referente à relação com o saber é imprescindível levar em consideração o sujeito, uma vez que, para o autor, o fracasso ou o sucesso escolar não são determinados pela posição social que os pais da criança ocupam. Esses fatores, apesar de importantes, não são determinantes na educação do indivíduo, mas produzem efeitos indiretos. É preciso que o aluno “se engaje em uma atividade intelectual, e que se mobilize intelectualmente” (CHARLOT, 2005, p. 54), ou seja, que estude, para que dessa forma possa apropriar-se do saber. Mas, para que esse processo ocorra, é importante que o aprendizado faça sentido ao aluno, para que ele possa ter prazer, responder a um desejo. Então, a vontade de ir à escola, para estudar, adquirir conhecimento, e não somente para encontrar os amigos, é uma situação que deve manter-se presente durante o processo educativo.

Essa é uma questão fundamental para os professores no cotidiano escolar, já que remete a uma aula interessante, que seja atrativa aos alunos e os façam possuir o desejo de apropriar-se do saber e aprender. Nesse sentido, é necessário que os educadores busquem diferentes vieses a fim de mobilizar o educando intelectualmente. É importante que diferentes recursos metodológicos sejam utilizados, para que todos os indivíduos possuam uma relação dinâmica com o saber, uma vez que cada sujeito aprende de forma distinta do outro.

Diante da análise realizada a partir da perspectiva de Bernard Charlot, é relevante destacar que a relação com o saber implica que o indivíduo se relacione com a sociedade em que está inserido, com o mundo, com outros sujeitos, consigo mesmo e outros espaços. Nesse sentido, para que se “torne humano” é essencial que o indivíduo compreenda os saberes que foram acumulados pelos seres humanos ao longo do tempo, e transmitido ao longo das gerações. Quando nasce, o indivíduo possui contato com diferentes significados e saberes, que o permitem relacionar-se com diferentes sujeitos. Para tanto, é necessário que o sujeito esteja constantemente a frente de novos desafios e aprendizados, buscando a internalização do saber e, consequentemente, a compreensão do mundo em que vive.

Foi possível entender que a posição social em que o indivíduo está inserido influencia em sua aprendizagem, mas não determina o processo educativo. Ao contrário, um fator essencial para que o aprendizado efetivo ocorra é a mobilização interna do educando: o desejo e a vontade de aprender são aspectos cruciais para que o sujeito apreenda os saberes. Evidencia-se, nesse sentido, o papel ativo do indivíduo em sua própria aprendizagem, atribuindo-lhe responsabilidade sobre esse processo.

O professor, por sua vez, possui o compromisso de permitir ao educando o contato com diferentes recursos metodológicos, concentrando-se em aulas interessantes que proporcionem ao aluno o desejo em estudar e aprender efetivamente. Além disso, a relação que os professores possuem com o saber influenciam diretamente nos conteúdos em sala de aula, uma vez que podem determinar a maneira que tratarão de certos assuntos, sejam eles cotidianos em suas vidas ou não.

**RESULTADOS OBTIDOS: OS PROFESSORES E OS CONTEÚDOS COMPLEXOS**

No questionário, primeiramente, houve a preocupação em caracterizar o professor: tempo de atuação no magistério, idade, sexo, turma ou local na/no qual trabalha atualmente e o motivo da escolha da profissão. Posteriormente, evidenciou-se a necessidade em explicitar quais são as disciplinas trabalhadas pelos educadores, bem como identificar aquelas que oferecem maior dificuldade e facilidade. Finalmente, considerando o recorte proposto para a pesquisa, contemplamos a disciplina de História, buscando entender quais são os temas considerados mais complexos a serem trabalhados em sala de aula, quais as estratégias que os professores utilizam para superar o trato com tais conteúdos e, por fim, solicitamos que indicassem quais temas retirariam do rol de saberes a serem tratados na escola.

A análise questionários nos possibilita identificar que a maioria (8) dos professores atua há mais de 15 anos no magistério. Apenas um educador possui experiência na profissão de até 5 anos, 3 atuam de 6 a 10 anos e 2 professores de 11 a 15 anos. A partir dos dados obtidos, é perceptível que grande parte do corpo docente possui vasta experiência no magistério e uma longa carreira na atuação como educador(a). Quanto à faixa etária, o grupo predominante é constituído de professores entre 41 e 50 anos.

Apesar do trabalho com todas as disciplinas (com exceção de Educação Física), existe a preferência dos educadores em lecionar cada uma delas. Buscamos compreender quais as áreas de conhecimento na qual as professoras preferem trabalhar cotidianamente em sala de aula. No caso dos professores estudados, a maioria possui preferência em trabalhar com as disciplinas de Matemática, Português e Ciências. Entretanto, os educadores também indicaram a disciplina que possuem menor preferência em trabalhar, devido a diversas dificuldades.Como a coleta de dados foi executada por meio do questionário, os educadores limitaram-se a enumerar as disciplinas de acordo com a sua preferência (sendo a 1ª a disciplina que possui maior facilidade, e assim por diante). Três matérias foram as mais citadas: História, Artes e Geografia.

Referindo-se somente à disciplina de História, os educadores indicaram os temas que possuem maior facilidade em trabalhar com os discentes. As respostas foram caracterizadas pela diversidade. O tema mais indicado, lembrado por quatro professores, consistiu nos conteúdos vivenciados pelos alunos em seu cotidiano, já que podem ser melhores compreendidos pelos educandos. Outros, por sua vez, indicaram os saberes referentes à identidade dos alunos, pela possibilidade do uso de linhas do tempo e da árvore genealógica no trato dos mesmos. As datas comemorativas relacionadas à História de Londrina, à colonização do Brasil e do Paraná foram lembradas por alguns educadores. Ainda com menção à disciplina de História, os educadores apontaram os saberes que possuem maior dificuldade, possuindo variadas respostas: Mudanças econômicas no século XX (como a Industrialização), a História do Brasil e do Estado do Paraná, História Antiga, Guerra do Contestado.

A pesquisa prosseguiu almejando a compreender quais são os conteúdos considerados mais difíceis de serem trabalhados na disciplina de História pelos educadores. Foi solicitado que os educadores numerassem os conteúdos que possuíam maiores entraves ao serem trabalhados (sendo o 1º o tema de maior dificuldade, e assim sucessivamente). Foram propostos os seguintes conteúdos: diversidade religiosa, sociedades indígenas na atualidade, História da África, os afrodescendentes no Brasil, relações homoafetivas, diferentes tipos de família, direitos do consumidor e, finalmente, o consumo e a mídia.

Percebe-se que em 64% dos professores (9), um conteúdo foi escolhido como o mais complexo de ser trabalhado com os alunos: as relações homoafetivas. Em seguida, dois foram os conteúdos considerados como os mais dificultosos: a diversidade religiosa e os diferentes tipos de família (ambas possuíram cinco escolhas como 2ª opção). Entretanto, quatro docentes indicaram o conteúdo referente aos diversos tipos de família como o mais fácil de ser trabalhado com os educandos. A História da África consistiu em um tema que possui consideráveis dificuldades ao ser lecionado por dois professores. Alguns temas, como os direitos do consumidor e o consumo e a mídia foram escolhidos pelos educadores como os que possuem menos entraves ao serem ensinados.

Finalmente, uma última questão foi trazida aos educadores: dos temas listados, indicar quatro que, se pudessem, retirariam do currículo escolar. Evidentemente, esta situação não é plausível para a realidade escolar, entretanto, houve a necessidade de perceber como os professores se colocaram frente a esse questionamento, inclusive se posicionando quanto à impossibilidade de excluir qualquer conteúdo tendo em vista a importância do mesmo para a formação das crianças nessa faixa etária.

O conteúdo referente às relações homoafetivas foram os mais escolhidos pelos educadores. Percebe-se a preocupação dos docentes em trabalhar com esse tema, já que é polêmico, promove diferentes opiniões entre os indivíduos. Outro saber, que se pudesse, seria retirado do currículo escolar por seis educadores, seria a diversidade religiosa. Este é outro conteúdo que causa entre os grupos sociais diversos conflitos. Entretanto, é fundamental que este seja um tema presente nas salas de aula, evidenciando que, independentemente de sua cultura, deve ser respeitado.

Destaca-se que quatro educadores partiram da justificativa de que não é possível retirar do currículo escolar nenhum conteúdo, apesar da dificuldade em trabalhá-los com os discentes. Nesse sentido, é fundamental perceber que são quatro professores que exercem a autonomia e assumem a responsabilidade em trabalhar com todos os conteúdos, sejam eles polêmicos ou não, respeitando a curiosidade do educando.

Entretanto, faz-se necessário enfatizar que os temas listados também são de interesse dos educandos. Por esse motivo, a discussão e o diálogo são essenciais para a construção e desenvolvimento do senso crítico. É importante que os docentes não demonstrem receio diante dos temas listados, considerados polêmicos, mas que instiguem a curiosidade e o interesse dos educandos, buscando a formação de cidadãos e sujeitos comprometidos com a sociedade em que estão inseridos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo geral do presente trabalho consistiu em compreender quais são os principais conteúdos referentes à disciplina de História em que os professores possuem maior dificuldade em trabalhar em sala de aula. Inicialmente, foi necessário que houvesse uma reflexão acerca de diferentes tópicos que embasassem teoricamente a pesquisa em questão. Dessa forma, observa-se o auxílio na compreensão de aspectos importantes, como a formação e atuação dos educadores, bem como a relação dos professores com o saber. Posteriormente, por meio de questionários, catorze professores.

Após os esclarecimentos teóricos efetuados a partir dos capítulos anteriormente mencionados, buscou-se por meio de questionários, compreender quais são os conteúdos da disciplina de História considerados os mais dificultosos a serem trabalhados em sala de aula. Os resultados apontam que 64% dos professores escolheram as relações homoafetivas como o conteúdo mais complexo em ser lecionado. Os diferentes tipos de família e a diversidade religiosa foram indicados como os próximos temas considerados como os mais difíceis. Os saberes que foram considerados com menos entraves ao serem trabalhados foram “o direito do consumidor” e “o consumo e a mídia”. Os educadores foram questionados sobre a retirada dos conteúdos do currículo escolar. Temas considerados como polêmicos por segmentos da sociedade atual, por causarem divergência de opiniões, foram escolhidos pelos educadores: as relações homoafetivas e a diversidade religiosa.

É evidente que no espaço educativo, alunos, professores e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem possuam diferentes modos de perceber e entender diferentes temas, como as diversidades religiosas, relações homoafetivas e diferentes tipos de famílias. Mas, o respeito ao próximo, a dignidade e a ética com todos os indivíduos são componentes fundamentais em uma sociedade que transborda a riqueza da diversidade de vivências e realidades.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard**. Relação com o saber.Formação dos Professores e Globalização** – Questões para a educação hoje. Tradução Sandra Loguercio. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes. Médicas, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. –São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido.13 ed. Rio de janeiro: Paz e terra, 1983

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não – cartas de quem ousa ensinar. São Paulo – SP, editora olho d`água, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

1. O amor, citado por Paulo Freire (1996), relaciona-se com a responsabilidade do educador para com o outro, buscando a ética, respeito à dignidade e autonomia do aluno. [↑](#footnote-ref-1)